

OPINIÃO

Missa e "crisoteca" animam a festa de Santa Paula Frassinetti. Página 3.

OLIBERAL

FILIADO A SOCIEDADE
INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIPANJ ASSOCIAÇÃO
NACIONAL
DE JORNALISPresidente
Lucidéa Batista MaioranaPresidente Executivo
Romulo Maiorana Jr.Diretor-Editor Corporativo
Ronaldo MaioranaDiretora Administrativa
Rosângela Maiorana KzanDiretora Comercial
Rosemary MaioranaDiretor Industrial
João Pojucam de Moraes FilhoDiretor Redator-Chefe
Walmir Botelho D'OliveiraDiretor de Novos Negócios
Ribamar GomesDiretor de Marketing
Guarany JúniorDiretores
José Edson Salame
José Luiz Sá Pereira**O LIBERAL** é editado por
Delta Publicidade S/A
CGC. (MF) 04929683/0001-17.
Inscrição Estadual: Isenta.
Municipal: 08.496.**Administração, Redação,
Centro Tecnológico Gráfico,
Publicidade**Av. Romulo Maiorana, 2473.
CEP: 66.093-000.
Telefone: 3216-1000.
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.
Fax: (091) 3216-1143.
Belém, Pará, Brasil.As opiniões emitidas em textos assinados
são livre manifestação do pensamento de
seus autores e não representam a opinião
do jornal.**Sucursal Centro/
Centro-Oeste**Diretor:
Fábio Andrade► **Brasília-DF**
SRTVN Q. 701 CONJ. C.
Ed. Centro Empresarial Norte.
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719.900.
Fone/fax (61)-3328-9394/3328-9396.
E-mail: sanab634@zaz.com.br**Sucursal Sudeste/
Sul/Nordeste**Diretor:
Carlos Namur► **São Paulo-SP**
Edifício Iguatemi Office Building
Rua Iguatemi, 192
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010
Fone/fax (11) 3073.1450 / 1451 / 1453
e-mail: sucursalsaopaulo@oliberal.com.br► **Rio de Janeiro-RJ**
Edifício Dijon Business Center.
Rua Farme de Amoedo, 56 - Cj. 506 e
507 - Ipanema. Cep. 22420.020 - Rio
de Janeiro. Telefone: (21) 2103-4540.
E-mail: comercial.rio@oliberal.com.br**Preço do exemplar****Zona I** - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capanema, Capitão Poço, Castanhal, Concórdia, Dom Eliseu, Igarapé-Miri, Irituia, Itinga, Mãe do Rio, Moju, Mosqueiro, Nova Timboteua, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tailândia, Tomé-Açu, Ulianópolis e Vigia.► **Dias úteis R\$ 1,50**
► **Domingo R\$ 3,00****Zona II** - Almeirim, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Portel, Porto de Moz, Redenção, Soure, Ourilândia do Norte, Tucumã, Tucuruí, Xinguba, Juruti, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.► **Dias úteis R\$ 2,00**
► **Domingo R\$ 3,60****Zona III** - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.► **Dias úteis R\$ 2,30**
► **Domingo R\$ 4,80****Zona IV** - Demais Estados► **Dias úteis R\$ 3,40**
► **Domingo R\$ 7,20****Zona V** - Macapá► **Dias úteis R\$ 2,50**
► **Domingo R\$ 4,50****Telefones de O LIBERAL**

Reportagem: 3216-1138
Assinaturas: 3204-6000
Atendimento ao Assinante: 3216-1011
Classificados: 3277-9200
Comercial: 3216-1163 e 3216-1176

joséseráfico

Central Café - ficção e realidade

Realidade e ficção. Onde começa uma, onde se inicia a outra? A preocupação com a sobrevivência tem levado as pessoas a desdenharem desse que me parece problema existencial dos mais importantes. Não se espere seu deslinde da reflexão e do empenho dos que vêm o mundo e suas coisas passíveis de tradução em tabelas e números. Nem que a ciência chegue algum dia a defini-las com a concretude que nossa curiosidade e necessidade exigem.

Ver a realidade implica perceber as coisas de pontos de vista diferenciados, tão diferentes somos uns dos outros. Daí a propriedade com que os poetas (sobretudo eles) lidam com a questão. Reduzindo a importância de estabelecer fronteiras nítidas entre uma coisa e a outra, é dos bardos que se pode obter satisfatória descrição da própria existência humana - com seus vícios e virtudes, feitos e frustrações, sonhos e cotidiano.

Escrevo isso, para falar (sem autoidade, reconheço-o!) do belo romance com que o poeta João de Jesus Paes Loureiro inicia sua trajetória na prosa. Não que lhe faltem outros trabalhos tecidos fora da linguagem do verso, marcados pela qualidade que ele sempre põe nos textos que assina. O marco inicial, neste caso, é apenas em relação ao caminho do romance, de que Central Café - o tempo submerso nos espelhos é promissor anúncio.

Desde que passei a primeira e superficial vista nas páginas do livro, intuí que se tratava de obra-resgate. O resgate do lugar e da infância do autor; da experiência vivida em fase das mais infelizes da história de que fez (e faz) parte; da vida simples do interior e dos encantos que cercam a vida dos interioranos. Memória? Acerto de contas com a infância e a terra distante? A revisita a locais, sentimentos e emoções? Dúvidas que a primeira folheada mostra texto rico de vidas e saberes - foi o que escrevi.

Ao final da leitura das 380 páginas

Porque o autor de Central Café captou com sabedoria o valor desses pequenos gestos que fazem cada um verdadeiramente ser humano.

da obra, constatei não estar errado em minhas prematuras previsões. Lá encontrei, mais que a menção a alguns dos companheiros, muitos ainda hoje amigos do Jesus, fórmula bem dosada de realidade e ficção, reveladoras do mundo interior que nos habita.

Revi nossos companheiros comuns, alguns dos quais agora vivos somente em nossas memórias. Pude sentir-lhes a solidariedade pronta para o mais benéfico e generoso exercício. Porque o autor de Central Café captou com sabedoria o valor desses pequenos gestos, que fazem cada um verdadeiramente ser humano.

Pude saber, num misto de poesia e realidade, fatos e sonhos, boa parte do sofrimento experimentado por Jesus, quando pensar se constituía crime exigente de pesada pena. A pena do poeta, como a de todos os que lidam com as letras, jamais perdoa. Porque, cuidando de registrar o que acontece ou deveria acontecer, o que aconteceu ou ainda acontecerá, acaba por constituir-se fonte do conhecimento humano. Mais rico que as demais formas de conhecimento, porque não dispensa o que o cartesianismo transformado em prisão da ideia e do pensamento geralmente negligencia. De quem esperar texto que lembre nossa pequenez diante da grandeza galáctica em que nos inserimos (Senti-me como um pequeno rio buscando seu destino de mar), se não de um poeta? A quem mais é dada a capacidade de tecer imagens tão criativas - tinha a impressão de juntar folhas dentro do espelho e no chão?

Romances são bons quando nos fazem ver realidades com as quais jamais nos defrontamos, nem temos a certeza de que um dia defrontaremos.

Quando permitem saborear em suas páginas o produto da criatividade de pessoas como nós, às quais a natureza achou de dar o talento que faz a diferença. Melhor ainda, quando ao autor não escapa a oportunidade de enriquecer a vida com a fantasia, a tal ponto que nos sentimos quase forçados a ingressar no mundo descrito e a participar de cada acontecimento, real ou fictício, deixado nas páginas lidas.

É assim o primeiro romance de João de Jesus Paes Loureiro.

É mais que isso, porém. Daí o registro que, audaciosamente, não titubeei em escrever, terminada a leitura de Central Café - a realidade submersa nos espelhos. Ei-lo: Preparara-me para ler apenas um romance. Sabia-o tecido por poéticas (haja poesia nelas!) mãos. Conhecia algumas das experiências de vida do autor. Beneficiava-me a estima que nos é recíproca. Encontrei muito mais. Na verdade, acompanhei cada página, cada frase, cada palavra, cada sílaba, cada letra, como quem percorre o roteiro acabado de um bom e emocionante filme. Nem é preciso dizer que poesia e prosa se fundiram, para nos dar um texto que é, em parte, a história de cada um e de muitos de nós. Poucos - talvez nenhum - soubessem dizê-lo com tanto sentimento e arte. O simbolismo do espelho, onipresente na vida e na alma de todos nós, fora e dentro de nosso próprio ser, oculta e revela, reduz e amplifica, insinua e distorce sentimentos e pensamentos, fazendo de cada um de nós uma das muitas encantarias que povoam nossos abismos pessoais. Ao final, penso ver confirmadas as hipóteses registradas após o primeiro folhear do volume. Este livro-filme não pode esperar mais, para ocupar as telas da assim chamada sétima arte.

Obrigado, Jesus.

► **José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.**

jbosco@oliberal.com.br



ruiraiol

Museu Nacional da Assembleia de Deus

Dia 16 de junho, Belém ganhará um novo museu. Trata-se do Museu Nacional da Assembleia de Deus, um presente digno à cidade que gerou a maior igreja pentecostal do mundo. Um museu histórico cujo acervo detém um quinto da memória nacional. Uma casa de cultura, arte e fé, que vem para somar esforços à área museológica no Estado.

A escolha de Belém para abrigar o Museu Nacional é um ato que enaltece a todos os paraenses. Isto porque, sendo a Assembleia de Deus uma igreja paraulara, ela sofreu o drama comum dos museus mundo afora, sobretudo daqueles estabelecidos em países mais pobres. Sofreu saques em seu patrimônio histórico. Assistiu ao longo do século a tentativas incontáveis de transferência de seu acervo para o Sul. Mas resistiu como pôde.

O fruto dessa resistência cabocla é o Museu Nacional. Primeiro. Único. Instalado no próprio chão onde os pioneiros fundaram a Missão da Fé Apostólica. Isso é um enorme privilégio para Belém. Embora a organização do museu tenha iniciado em 1994, é agora, por ocasião do Centenário, que a instituição ganha a devida importância. E isto porque, na data suprarreferida, o Museu Nacional vai ocupar instalações independentes, bem no coração histórico da cidade, na rua João Diogo, 221, ao lado da Academia Paraense de Letras. No dia da inauguração, será aberta

Através de seu fabuloso acervo documental, estudantes poderão aprofundar seus trabalhos e elaborar teses em qualquer nível de graduação.

a exposição "Geração do Centenário - Memórias da Nossa Fé". Em vários ambientes, a exposição resgatará a memória daqueles que têm vivido a chama pentecostal no Brasil durante estes cem anos.

O prédio, em estilo eclético, remonta ao início do século XX, justamente a época de chegada dos missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren a Belém. É uma réplica da casa de Celina Albuquerque, a dois passos dali, na Siqueira Mendes, a primeira brasileira a receber a promessa pentecostal apregoada pelos servos de Deus.

A partir do dia 16, pessoas de todo o Brasil correrão ao Museu Nacional. Sabedoras da riqueza histórica de seu acervo, virão conferir o que só em Belém poderão encontrar. Documentos originais do início do século passado. Biblias dos fundadores. Obras de arte. Peças litúrgicas. Fé materializada em diversos formatos.

A exposição terá uma galeria a óleo dos pastores que dirigiram a igreja-fundadora, a começar pelo missionário Gunnar Vingren. Haverá uma linha do tempo. Dez painéis históricos, que abrangerão todo o século. Baús de via-

gem dos fundadores. Primeiros livros e hinários impressos na Assembleia de Deus no Brasil. Instrumentos musicais da primeira orquestra. E muitos outros itens.

Além da exposição permanente, o Museu Nacional da Assembleia de Deus funcionará também como um centro de pesquisas. Através de seu fabuloso acervo documental, estudantes poderão aprofundar seus trabalhos e elaborar teses em qualquer nível de graduação. Para isto, vale salientar que a fundação da Assembleia de Deus coincide com o apogeu do Ciclo da Borracha e as riquezas da Belle Époque. Sua história é contemporânea, também, das duas grandes guerras mundiais, período de repressão militar e redemocratização do país.

O Museu Nacional materializa o sonho dos pastores Firmino Gouveia e Samuel Câmara, cujos ministérios à frente da igreja-fundadora somam mais de quarenta anos. Ambos têm-se esforçado em preservar registros e organizar espaços. E, no caso do pastor Samuel, coube à sua liderança a projeção atual da instituição museológica.

O Museu funcionará de 9h00 às 16h00, de terça a sexta. Aos sábados e domingos, o horário é de 9h00 às 13h00.

► **Rui Raiol é escritor**
(www.ruiraiol.com.br)

O fim da
miséria ao
alcance
da vista

MURILLO DE ARAGÃO

Em meio à crise deflagrada pelas denúncias da Folha envolvendo o ministro da Casa Civil, Antonio Palocci, e pelas dificuldades de relacionamento na base governista, não foi dado o devido destaque ao lançamento, na semana passada, do Plano de Superação da Extrema Pobreza - Brasil sem Miséria.

De forma irônica e inteligente, Fernando Rodrigues, ícone do jornalismo político nacional, disse que o Palácio do Planalto havia se transformado em Cabo Canaveral, lançando programas e planos sem parar.

A mesma ironia usei quando do anúncio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), mas sem a elegância de Rodrigues. Acreditava que se tratava de mais um factóide, e não de algo efetivamente capaz de gerar transformações. Eu estava errado.

Apesar de não ser unanimidade, o PAC é um sucesso, na medida em que obteve resultados razoáveis e, melhor de tudo, organizou esforços. O que, no limite, facilita a identificação de gargalos e dificuldades.

O Brasil sem Miséria é mais um dos planos da era Lula que se materializam na gestão Dilma Rousseff. Seu propósito é simples e emblemático: retirar 16,2 milhões de brasileiros da extrema pobreza por meio de ações de transferência de renda, inclusão produtiva e acesso a serviços públicos nas áreas de educação, saúde, assistência social, saneamento e energia elétrica.

O governo pretende promover a inserção da população com renda familiar de até R\$ 70 por pessoa nas oportunidades geradas pelo crescimento econômico brasileiro. Para tanto, prepara um conjunto de ações que envolvem a criação de novos programas e a ampliação de iniciativas já existentes, em parceria com estados, municípios, empresas públicas e privadas e organismos da sociedade civil.

O programa vai incluir no Bolsa Família 800 mil famílias que atendem às suas exigências mas não recebem o recurso porque ainda não estão cadastradas. Para efetuar o cadastramento, haverá um trabalho pró-ativo de localização desses potenciais beneficiários. Essa é a grande novidade: buscar o pobre onde ele estiver.

O Brasil sem Miséria contará com investimentos anuais de R\$ 20 bilhões do Tesouro Federal, já incluindo os R\$ 16 bilhões dedicados ao Bolsa Família. Com o objetivo de implementar a primeira parte do projeto, a presidente Dilma Rousseff enviou ao Congresso um projeto de lei que prevê R\$ 1,2 bilhão de crédito adicional para o Orçamento de 2011.

Os recursos adicionais vão suprir a ampliação do Bolsa Família e a contratação de equipes de assistência técnica responsáveis por buscar beneficiários de programas sociais ainda sem cadastro.

Para estimular a proteção ao meio ambiente, o programa cria o Bolsa Verde, que prevê o pagamento de R\$ 300 a cada trimestre para famílias pobres que promovam ações de conservação ambiental no local onde vivem ou trabalham. Também será dado apoio à organização produtiva de catadores de materiais recicláveis. Cerca de 60 mil catadores serão capacitados.

Considerando a base de sustentação do plano, que é o Bolsa Família, e as demais iniciativas herdadas do governo Lula, bem como o ciclo de expansão da economia, devemos alcançar um resultado mais do que razoável. O que terá um impacto muito positivo no consumo e no fortalecimento do mercado interno.

Impressionou, na cerimônia de lançamento do plano no Palácio do Planalto, o clima de otimismo e engajamento de personalidades do mundo empresarial, sindical e de entidades civis. O comprometimento demonstrado por todos revela que a sociedade brasileira, em que pesem os problemas de representação e de política, amadurece no sentido de atacar questões cruciais e históricas, como a eliminação da pobreza absoluta no Brasil.

► **Murillo de Aragão é cientista político.**